

O aprender a ler como exercício de liberdade

Cleide Rita Silvério de Almeida

Graduada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Educação pela PUC-SP, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Estágio de pós-doutorado realizado no Centro de Estudos Transdisciplinares Sociologia, Antropologia e História (CETSAH), atual Centro Edgar Morin, em Paris (França). Professora e pesquisadora da Universidade Nove de Julho (Uninove-SP). Líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Complexidade (Grupec), e-mail: <http://cleidea@uol.com.br>.

Priscila Cassanti Sil Pereira

Graduada em História pela Universidade Nove de Julho (Uninove), mestranda em Educação pela Uninove. Integra o Grupec da Uninove-SP. Pesquisadora nas áreas de Complexidade, Teatro, Corporeidade, Educação e Estética, e-mail: <http://pricassanti@hotmail.com>

Rita Margareth Passos

Graduada em Pedagogia Plena pela Universidade Católica do Salvador (Ucsal), mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutoranda pela Uninove. Integra o Grupec da Uninove-SP. Pesquisadora nas áreas de Educação, Currículo e Complexidade, e-mail: <http://rmcpassos@gmail.com>

Resumo

O artigo configura-se como uma leitura do filme *O aluno*, de Justin Chadwick, expressa numa análise reflexiva respaldada nos estudos da complexidade e educação sob a ótica de Edgar Morin (2001). O filme descreve a experiência real de Kimane Ng'ang'a Maruge, ex-guerrilheiro durante o levante Mau Mau, no Quênia, nos anos 1950, que aos 84 anos entrou para a escola primária de seu país para aprender a ler. O objetivo é compreender os impactos das buscas pessoais sobre a escola, a educação e os contextos sociais mais amplos. A análise reflexiva, de cunho interpretativo hermenêutico, valeu-se do aparato textual linguístico e histórico apresentado no filme e de seus impactos sobre o universo de significação dos autores do texto, para expressar as características criativas e transdisciplinares da proposta pedagógica tecida na escola. Pode-se constatar, na análise realizada, a força dos sujeitos da educação, que chega a suplantar os limites impostos pelos condicionamentos externos à escola. Desse modo, o artigo apresenta análises sobre a dinâmica complexa que envolve os sujeitos da educação, os processos construídos no interior da escola e seus reflexos no microespaço e no macroespaço sociais.

Palavras-chave: Educação. Complexidade. Criatividade. Transdisciplinaridade.

Learning to read as an exercise of freedom

Abstract

The article is set out as a reading of Justin Chadwick's movie film *The first grader*, expressed in a reflexive analysis supported by studies of complexity and education from the perspective of Edgar Morin (2001). The film describes the actual experience of Kimane Ng'ang'a Maruge, a former guerrilla member in the Mau Mau uprising in Kenya, in the 1950s, that at the age of 84 goes to the primary school in his country to get a certificate. The goal is to understand the impacts of personal searches on school, education, and broader social contexts. The reflexive analysis, of hermeneutic nature, starts on the linguistic and historical textual apparatus presented in the film and its impact on the universe of meaning of the authors of the text, to express the creative and transdisciplinary characteristics of the pedagogical proposal elaborated in the school. In the analysis carried out, the strength of the subjects of education could be verified, beyond the limits imposed by external conditioning to the school. In this way, the article presents an analysis about the complex dynamics, which surround the subjects of education, the processes constructed inside the school and their impact on the social micro space and macro space.

Key words: Education, Complexity. Creativity. Transdisciplinarity.

Introdução

*Ensinar a ler é sempre ensinar a transpor o imediato.
É ensinar a escolher entre sentidos visíveis e
invisíveis.*

(COUTO, 2009, p.105)

A reflexão inicial deste artigo traz a ideia de que pensar numa proposta de educação no século XXI implica considerar desafios que estão além da escola em sua configuração didático-pedagógica, levando a compreensões mais amplas, da tessitura complexa que envolve o fenômeno educativo. Neste sentido, Edgar Morin (2001, p. 22) afirma que, “quanto mais desenvolvida a inteligência geral, maior é sua capacidade de tratar problemas especiais”. A consideração que segue aponta para a ideia de que “para entender o social e político é preciso antes entender o pessoal e o biográfico” (GOODSON, 2008, p. 13), numa tentativa de apreensão pessoal e coletiva da realidade

dos sujeitos, situando-os num contexto sócio-histórico. Mais ainda: a observação de que as mudanças da escola emergem não somente de determinantes externos, mas também dos sujeitos que interagem dentro dela, criando novas possibilidades de análise e intervenções formativas. Exemplo forte dessas reflexões encontra-se no filme *O aluno*.

O filme foi produzido no ano de 2010 e dirigido por Justin Chadwick, ator e diretor inglês. Foi filmado no Quênia, na Inglaterra e nos Estados Unidos e tem como pano de fundo o contexto histórico da revolução e a realidade pós-independência no Quênia. Leva o nome original de *The first Grader* e conta a história real de um queniano de 84 anos que luta para ingressar numa escola primária para aprender a ler, após comunicado oficial de “Educação para todos” emitido pelo governo do Quênia. Trata-se de Kimane Ng’ang’a Maruge, ex-guerrilheiro do grupo de resistência Mau Mau, que na década de 1950 lutou pela independência, sendo preso e brutalmente torturado pelos representantes do governo britânico e libertado após a independência do seu país. Em 2004, Maruge recebe uma carta enviada pelo presidente do Quênia, em reconhecimento à sua luta da independência do país. A chegada dessa carta desperta com força as suas lembranças e revigora a significação de sua luta contra a colonização britânica. A história é, então, narrada a partir das lembranças do passado e as experiências presentes de Maruge, em sua luta pelo acesso e permanência na educação. Movido pela clareza de que “a liberdade é aprender”, o personagem reflete uma história de liberdade, pois “a liberdade aparece como algo que se realiza na história, de maneira que a história desse sujeito pode tramar-se ou articular-se ou contar-se como uma história de liberdade” (LARROSA, 2009, p. 9). A luta de Maruge ganha adeptos e ultrapassa os muros da escola, tomando proporções mundiais.

A proposta deste artigo é fazer uma análise compreensiva do filme *O aluno*, na tentativa de perceber a tessitura complexa dos processos político-educativos vividos pelo personagem Maruge, bem como a tessitura criativa de sua intervenção, o que favorece um redesenho da proposta pedagógica, aqui entendida como transdisciplinar.

A tessitura complexa: Kimani Maruge é *homo complexus*

No filme *O aluno*, podem-se perceber ressonâncias do pensamento complexo provocadas por Maruge, que desafia um sistema escolar eivado na linearidade estável.

Uma dessas ressonâncias é o movimento constante advindo da capacidade de resistência deste personagem principal, na qual reside sua força. Quando jovem, resistiu, e estes momentos que o marcaram profundamente são lembrados, permeando, como pano de fundo, o filme. Aos 84 anos continua resistindo, vencendo o tempo e os fardos impostos durante o caminho. Seu tônus de vida é intenso e ele quer aprender a ler, pois para ele a educação é a chave. Maruge desenvolve uma leitura de mundo que não é resignada. Para os outros não tem sentido um velho querer ir para a escola primária junto com crianças, mas ele não se retrai ao lugar social que querem que ele ocupe. Ele não se encolhe. Ele quer expandir. Seu corpo desgastado contrasta com sua força interior, determinação e persistência em realizar seu projeto.

Kimani Maruge é *homo complexus*, com seus sonhos, sua afetividade, momentos lúdicos, poéticos, e também é capaz de enfrentamentos. Sua realidade está sempre atravessada pelas lembranças de luta, torturas e mortes presenciadas na juventude, quando de seu engajamento político. No entanto, parece que se opera uma desconstrução simbólica desse passado, na medida em que o presente não fica na lástima do acontecido, mas aproveita os desvios, brechas e bifurcações, trabalhando as oportunidades a favor de seu objetivo. Maruge entende, assim como Morin (2001, p. 116), que:

[...] a acção é estratégia [...] A estratégia permite, a partir de uma decisão inicial, encarar um certo número de cenários para a acção, cenários que poderão ser modificados segundo as informações que vão chegar no decurso da acção e segundo os imprevistos que vão surgir e perturbar a acção.

O governo instituiu um programa de educação para todos e Maruge atua nessa brecha que é o “para todos”, no qual ele está incluído, por mais que tentem dizer que não. É a força da ecologia da ação atuando a favor deste aluno de 84 anos, que sabe aproveitá-la. Quando uma ação é desencadeada, entra numa complexa rede de relações nas quais o sentido inicial pode ser desmembrado em sentidos até contrários ao que foi inicialmente planejado; isto é o que Morin denomina “ecologia da ação”.

Uma ação está sujeita à complexidade dos imprevistos, do acaso, e devemos estar preparados para enfrentar as incertezas. Se o programa governamental não previu a possibilidade da alfabetização de adultos, nosso personagem principal encontrou um

desvio que causou grande perturbação aos idealizadores da proposta. Contou também com o apoio da professora Jane, que acolheu este desafio e enfrentou questionamentos e ameaças. Havia um *programa* pré-determinado a ser cumprido, mas a atuação de Maruge reverteu a situação, tornando necessária uma *estratégia* adequada ao novo cenário. Programa e estratégia são termos que se opõem. O programa funciona em um meio de estabilidade, sem necessidade de inovações no decurso da ação, enquanto que a estratégia lida com o inesperado.

Numa primeira impressão, o filme apresenta um caráter maniqueísta, quando discorre sobre acontecimentos bons e ruins, pessoas boas e más. Contudo, no desenrolar da ação e observando-se a ecologia da ação, o que parecia maniqueísta transforma-se em dialogia entre antagônicos e complementares. Isto ocorre, por exemplo, quando as pessoas da aldeia acham inadequado que um homem velho vá estudar junto de crianças; que ele deveria ficar longe da escola; ou quando apontam Maruge na rua, perguntando quem é o velho de uniforme e começam a protestar. Em outro momento, à medida que a escola transforma a própria região num lugar com alcance internacional, ele passa a ser muito bem visto.

No início do filme, a escola tem uma ordem estabelecida; com a presença de Maruge, tem-se a impressão de que aconteceu uma desordem. No entanto, essa pretensa desordem estabeleceu uma prática ressignificada. Embora Maruge tenha sido forjado por uma realidade muito cruel, ele também foi produtor de uma realidade humanizada, o que caracteriza uma recursividade que rompe com a ideia linear de causa e efeito. A desumanização sofrida por Maruge não o atingiu a ponto de ele não conseguir superá-la.

Além da recursividade, estão presentes no filme a dialogia, que implica a junção de dois termos contrários que ao mesmo tempo se complementam. Um exemplo desse princípio pode ser observado em Maruge, um homem que, apesar de não ter sido instruído na escola, consegue estimular as crianças a aprender, adentrando em um ciclo de aprendizado e ensino junto a elas.

O princípio hologramático abarca a integração entre parte e todo e o todo e as partes; nota-se que a pequena escola, que é parte de um todo, poderia ser um fato insignificante que não alterasse o todo, mas alterou profundamente. O filme *O aluno*

denota, portanto, a presença dos três operadores da complexidade, que interagem entre si e possibilitam a compreensão do pensamento complexo.

Maruge tem um objetivo muito claro: aprender a ler. Ele quer aprender por ele mesmo, de forma autônoma, a ler a carta que recebeu do governo. Esta ideia é uma convicção que o mobiliza: “As ideias que nos possuem são motores [...] Entre as ideias motoras, está a ideia de liberdade. Quando somos possuídos por ela, conseguimos conquistar liberdades” (MORIN, 2012, p.278).

A liberdade de Maruge também se expressa em seu canto de liberdade - *uhuru* - junto com as crianças, revelando que ele não é uma máquina trivial nem quer que as crianças se tornem uma. Quando o ser humano faz tudo dentro do previsto e até de forma repetitiva, sua existência se trivializa nas tarefas que realiza. Assim como há o previsto, há também o imprevisto, que nos conclama a deixar de seguir o mesmo itinerário para inventar uma nova estratégia, pois “[...] é nos momentos decisivos da existência que o ser humano pode escapar à ordem trivial. [...] É intrinsecamente uma máquina não trivial por dispor de uma possibilidade de afastamento em relação à norma” (MORIN, 2012, p.281).

Maruge traz consigo as marcas ou *imprintings* de seu passado, que o sujeitaram a sofrimentos e humilhações, mas em vez de se subalternizar ou se submeter, questiona as normas, as ordens estabelecidas. Sua trajetória e vontade de aprender a ler, para poder ler a sua carta, constituem mais uma etapa em sua vida de luta pela liberdade. Ele vivencia uma tensão constante entre as forças da sujeição e o chamamento da liberdade, mas se alimenta e se fortifica pela capacidade de problematizar as situações e questioná-las, pela curiosidade e vontade de aprender, pela solidariedade e pela elaboração de estratégias.

Ao buscar seu objetivo, ele não deixa de viver uma “[...] relação intersubjetiva de amizade e de amor. [...] O indivíduo vive para si e para o outro dialogicamente” (MORIN, 2012, p.76). Intercede a favor da professora Jane até ela voltar para a escola e ajuda, com amizade e afeto, o menino Kamal. “Quando o sujeito pode abrir o seu Nós para o outro, os semelhantes, a vida, o mundo, torna-se rico em humanidade.” (MORIN, 2012, p. 81) Maruge e a professora Jane são ricos em humanidade e, assim,

tornam a cada dia, com suas ações, uma pequena escola de aldeia tão humanizada que atinge repercussão internacional.

A tessitura criativa: aprender significa se divertir

A reflexão empreendida decorre de uma leitura sensível capaz de perscrutar a tessitura criativa empreendida por Kimani Ng'ang'a Maruge ao longo de sua vida para atingir seus objetivos. A vida de Maruge, expressa no filme *O aluno*, é uma história exitosa de luta a favor da liberdade de seu país, de seu povo, da própria liberdade. Luta que é apresentada no filme com características diferenciadas, de acordo com o contexto sócio-histórico: inicialmente marcada pela resistência aos britânicos e, na escola, pelo enfrentamento das ideias.

As lembranças de Maruge, apresentadas no filme por meio de imagens que retratam a opressão e a violência cometidas pelo governo britânico, revelam a altivez do personagem na sua resistência. Criativamente, ele se utilizava da força interior para manter-se vivo e ereto diante da barbárie a ele imposta. Por outro lado, era acalentado pelas lembranças da esposa e dos filhos. Era ali o *homo complexus* sustentado pelas suas crenças, ideias e princípios, mas também por seus sonhos. Percebe-se que Maruge era movido pela intuição de que iria conseguir vencer aquela etapa e seguir para outra.

A luta de Maruge no contexto da escola toma feições diferentes da anterior. O guerrilheiro agora recorre ao lápis, à música, à dança e ao desenho para vencer as dificuldades pessoais e ajudar os outros estudantes. A sensibilidade da professora Jane foi fundamental para Maruge vencer os obstáculos, pois ele se sentia acolhido e recebia da professora uma atenção especial fora do horário da escola.

Na ocasião em que é expulso pelo Sr. Kipruto e vai se despedir dos alunos, a professora Jane, na tentativa de reverter a situação, nomeia Maruge como seu assistente. Seguindo os passos metodológicos criativos da professora, que acredita que “aprender é se divertir”, Maruge ajuda Kamal, aluno da escola, a memorizar a escrita do número 5, utilizando-se do desenho no chão seguido das palavras “pescoço comprido, barrigudo, o número cinco usa um chapéu”. Numa outra intervenção, canta as letras do alfabeto enquanto faz suas formas no corpo. As crianças o imitam.

Enquanto o jogo desaparece no animal adulto, exceto, quando este, domesticado e alimentado, permanece em situação infantil, o jogo persiste e mesmo desenvolve-se no mundo adulto humano, conforme múltiplos modos, e dispõe de instituições específicas nas grandes civilizações. (MORIN, 2012, p. 130)

A relação mútua de aprendizagem realizada no contexto da escola de Maruge se estabelece numa dinâmica criativa, pois muitas vezes o aprendizado acontece por intermédio da brincadeira, do lúdico, e acaba sendo mais eficaz do que formas convencionais de ensinar. O professor, na complexidade, deve usar de criatividade para ensinar aos alunos; sair da forma convencional e explorar novas possibilidades. Utilizando-se da criatividade, os conteúdos trabalhados devem ter uma direta correlação com a própria vida do estudante. Neste sentido, Morin apresenta uma proposta de formação mais ampla, que considera a condição humana, as incertezas, o enraizamento pátrio, quando afirma:

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional. (MORIN, 2015, p. 65)

A compreensão de educação e formação de Maruge não se distingue muito da evidenciada por Morin, na medida em que sua vida retrata uma experiência de responsabilidade com seus conterrâneos e com sua pátria. Essa experiência se expande quando, já na escola, Maruge retoma as aprendizagens construídas nas experiências do passado e criativamente as ensina aos colegas nas rodas de recreio, pelo relato da própria história de vida.

Esta última luta de Maruge, explicitada no filme e aqui destacada, expressa a clareza de que é possível explorar o universo de possibilidades humanas, ajudando o ser humano a ir além, no entendimento de que “Talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades” (LARROSA, 2009, p. 39). Ao se desafiar, Maruge desafia os outros a irem além do previsto e estabelecido socialmente.

Quando a professora Jane abre as portas para a diferença, a escola toma feições de formação diferentes das indicadas pelo contexto social. Maruge representa a

diferença pela idade e por suas condições materiais de acesso à escola. Sua presença é determinante para a alteração da proposta daquela escola, tanto em relação ao conteúdo proposto quanto à metodologia aplicada. Por meio dele, as crianças passam a ser desafiadas, instigadas a refletir sobre o lugar que ocupam no presente e ocuparão no futuro, pois compreendem que são o futuro da nação.

A história de luta de Maruge revela que a criatividade assegura a ascensão de novas perspectivas de intervenção humana, tanto no âmbito da formação quanto no das intervenções sociais. De acordo com Morin (2012), a criatividade acompanha o homem desde os primórdios, podendo ser técnica, quando pensa a concretização de ideias para a resolução de problemas, como quando Maruge consegue adaptar roupas para usar de uniforme; estética, quando se refere às artes, a poesias, pinturas, cantos, ornamentos; intelectual, quando se manifesta por meio de conceitos, teorias e ideias; e social, no que concerne às leis e instituições. A criatividade, portanto, é característica humana, dado que,

Em qualquer criação humana, inconsciente ou consciente, imaginário e real colaboram. Reconhecer o papel do inconsciente e do imaginário na criatividade nos leva não a negá-la, mas aceitar o seu mistério. Sem dúvida, hipostasiou-se a noção de gênio, mas ela continha, com razão, a noção de inspiração, ou mesmo de possessão, que nos punha diante do mistério do criador. (MORIN, 2012, p. 107)

A criatividade acompanha a trajetória de evolução da humanidade. Daí a importância de aceitá-la intrinsecamente e fazer uso dela nas mais diversas áreas, tendo em vista sua característica de trazer novas possibilidades. Mais ainda na área da Educação, que prevê a formação humana e se depara todo tempo com as dificuldades próprias dos sistemas de ensino, dos projetos pedagógicos e dos sujeitos que atuam na escola. Neste sentido, o destaque é para a atuação do professor, que deve estar sempre aberto às novas e diferentes formas de intervenção que favoreçam a construção do conhecimento.

A contradição entre o estabelecido, definido aprioristicamente, e o novo, incerto, criativo é gerada pela presença de Maruge na escola. Ele inaugura um formato diferente de trabalho que envolve a todos. Na nova proposta, o conteúdo técnico/racional é subsidiado pelo conteúdo afetivo/criativo, o que torna o aprender prazeroso. Mais

ainda, o resgate da música, da dança, do desenho torna a escola e o conhecimento ensinado como algo divertido. Por isso Morin (2015) defende a ideia de que, além das dimensões técnico-rationais, há que assegurar na formação do *homo complexus*, as dimensões da ética, estética, do sentir.

Percebe-se, na história narrada pelo filme *O aluno*, que o imaginário e o real se entrelaçam e conduzem Maruge a tornar-se presença criativa-transformadora na escola e na sociedade.

A tessitura transdisciplinar: o poder está na caneta

O olhar reflexivo recai sobre a realidade da escola de Maruge e de sua configuração pedagógica na busca dos sinais emitidos, principalmente por seus personagens, que expressem as características peculiares daquele contexto, pois é de ciência que cada espaço educativo tem uma expressão, uma força, um jeito próprio de envolver ou não seus atores, de favorecer ou não a construção do saber, de ser ou não verdadeiramente uma escola.

A escola de Maruge tem marcas profundas de uma realidade socioeconômica de pobreza, desprivilegiada de recursos materiais mínimos que garantam a condição de ensino e aprendizagem: é uma escola com número de estudantes muito acima de sua capacidade, sem carteiras suficientes para todos, e com grande parte dos estudantes alojados no chão; é uma escola que, mesmo constituída na era das novas tecnologias, oferece como recursos materiais somente a lousa, o giz, o caderno e o lápis. Mas é também uma escola onde o lápis deverá estar sempre bem apontado, numa disposição de aprender; é uma escola estendida aos espaços abertos, largos, onde os estudantes brincam, se relacionam, distendem os tensionamentos oriundos da apreensão e construção dos saberes; é uma escola com recursos humanos escassos, porém envolvidos com o criativo processo pedagógico institucional.

Importante ressaltar as investidas da professora Jane frente aos órgãos estatais responsáveis pela escola, referentes às condições materiais e os impactos na aprendizagem dos estudantes. Num telefonema, a professora solicita investimento, pois não há cadeiras suficientes. Essa mensagem do filme revela que o funcionamento adequado da escola decorre não somente dos sujeitos da escola, mas de instâncias

maiores de onde advêm as diretrizes e os investimentos institucionais. Mas revela, também, a necessidade de intervenção desses sujeitos frente aos órgãos externos.

A configuração pedagógica dessa escola apresenta uma proposta aberta à diversidade, ao novo que emerge dos seus sujeitos, mas que também se revela alicerçada nas experiências vividas quando compreende, no dizer de Maruge, que “devemos aprender do nosso passado”. Nesta perspectiva, compreende-se que “a escola e os educadores não são mediadores culturais neutros” (MACEDO, 2007a, p. 54): eles atuam de forma significativa, resgatando os conteúdos que devem ser assegurados, resignificando e adaptando-os à nova realidade. Assim, com um desenho curricular anteriormente traçado numa perspectiva tradicional, a proposta formativa é resignificada a partir das intervenções, principalmente da professora Jane e de Maruge, o que lhe confere um caráter mais transdisciplinar.

No conjunto das disciplinas trabalhadas numa escola primária, percebe-se a frequência das aulas de Português e Matemática. O filme não evidencia, na apresentação dos trabalhos realizados pela professora, os ensinamentos de outras áreas de conhecimento, mas faz um destaque quanto ao trabalho realizado por Maruge, que reflete conhecimentos da História, da Sociologia, da Filosofia e demais áreas, expostos nas discussões e conversas com os colegas nos intervalos. Esses conhecimentos são articulados e disponibilizados por meio de metodologias diferenciadas: rodas de dança, narrativas, desenhos... A articulação desses conhecimentos permite aos estudantes uma leitura diversa e uma formação mais crítica, características de uma proposta formativa complexa.

A prática pedagógica dos sujeitos da escola de Maruge reflete a compreensão de que

[...] a transdisciplinaridade entende que o conhecimento fragmentado dificilmente poderá dar a seus detentores a capacidade de reconhecer e enfrentar as situações novas que emergem de um mundo a cuja complexidade natural acrescenta-se a complexidade resultante desse próprio conhecimento. (D'AMBRÓSIO, 1997, p. 10)

Sustentado na perspectiva complexa, o projeto transdisciplinar da escola de Maruge configura-se, concomitantemente, como interdisciplinar e transdisciplinar, na medida em que abarca o domínio das diversas ciências, assegurando seus aspectos

idiossincráticos, heterogêneos, mas também permite a articulação e o entrelaçamento entre elas, numa dinâmica organizacional-metodológica criativa que abre espaço para novas e diversas leituras e construção de saberes.

Mas, este projeto é também dimensionado pelo seu viés político-ideológico, quando demarcado pela expressão “o poder está na caneta”, que salta os muros da escola, atingindo outros contextos educativos e sociais. A clareza que Maruge e os profissionais da escola têm de que “a educação é a chave do cadeado” e de que as crianças de hoje “são os líderes de amanhã” estabelece um currículo que, por ser transdisciplinar, “trabalha com as sínteses possíveis, com as relações possíveis, porque contextuais, históricas e políticas, sínteses estas requeridas pelas problemáticas humanas e seus desafios” (MACEDO, 2007b, p. 55).

Percebe-se, entretanto, o quanto as questões sociais impactam as propostas formativas das escolas. Maruge é porta-voz de uma ideia de cidadania e de liberdade que ressoa com força após a independência do Quênia, mas que foi historicamente sufocada pelos discursos dos que detinham o poder. A reprodução desses discursos nos contextos autoritários é o meio de manter as estruturas de controle e poder, não sendo permitida a veiculação de ideologia diferente da estabelecida. Maruge entendia que era função da escola dissolver essas construções ideologicamente implantadas e orientar as crianças para o verdadeiro exercício da cidadania. Sabia que os “líderes de amanhã” precisavam de professores bons, implicados com o crescimento social do agora.

A liberdade de reflexão e atuação concedida pelos profissionais da escola aos estudantes permite-lhes a implicação com o próprio processo formativo. Os alunos são autorizados a atuar e a buscar caminhos de aprendizagem. A abertura da professora Jane a Maruge é reflexo dessa liberdade. Maruge torna-se estudante e mestre ao mesmo tempo, quando, impactado pela ação dos demais sujeitos da escola, lança-se no percurso de ensinar as aprendizagens construídas ao longo de sua vida. O êxito dos ensinamentos da escola de Maruge é revelado quando os estudantes, na ocasião da transferência da professora Jane, impedem o acesso da nova professora à escola.

A reação dos alunos decorre, no entanto, de uma formação recebida, mas também da reverência à professora Jane pelo trabalho realizado, o que ressalta a importância do professor na escola. Jane buscava meios diferenciados de intervenção

pedagógica. Pode-se afirmar que sua atuação está inserida na perspectiva complexa, quando articula as dimensões técnica, criativa, afetiva, política e social, revelando que a formação empreendida na escola deve favorecer o desenvolvimento do humano em sua plenitude e deve considerar a condição humana.

Essas reflexões sobre o contexto educativo e o projeto pedagógico transdisciplinar da escola de Maruge revelam sua coerência epistemológica e metodológica, pois

[...] o que os pensadores da transdisciplinaridade almejam é o enfrentamento ético-político, epistemológico e formativo das questões humanas e planetárias que em larga escala atingem as pessoas, suas sociedades e ecologias, e que a lógica disciplinar não absorve nem alcança. (MACEDO, 2007b, p. 53).

Desse modo, podemos afirmar que o poder está na caneta, na medida em que os lápis estiverem bem apontados para a contínua e incansável escrita das histórias de vida dos estudantes e mestres, dos interesses coletivos, da busca de acesso à educação, da necessidade de melhoria das condições de ensino, da remuneração digna aos mestres da educação, da construção de escolas mais qualificadas.

Considerações finais: nós não somos nada se não soubermos ler

As discussões tecidas ao longo deste artigo situam a importância da leitura como exercício de liberdade, a partir da compreensão do personagem da história real e fílmica de Kimane Ng'ang'a Maruge de que "nós não somos nada se não soubermos ler". Decorre dessa compreensão a sua luta para ingressar na escola e aprender a ler. Motivado, *a priori*, pela carta que recebe do presidente do Quênia, vai assimilando o peso que o aprendizado da leitura exerce no sujeito, possibilitando-lhe uma visão de mundo mais clara.

No contexto da escola, Maruge vai aos poucos percebendo que a "leitura é algo ao qual cada um deve se aplicar com lentidão, levando tempo, despreocupadamente", (LARROSA, 2009, p. 14), o que o faz levar horas retomando as orientações da professora e refazendo as atividades. Maruge já intuía que a leitura se aplica a um universo muito mais vasto, pois

Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar. Queixamo-nos de que as pessoas não leem livros. Mas o déficit de leitura é muito mais geral. Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros. (COUTO, 2009, p. 109)

A história de Maruge reflete a imagem de um homem que levou a vida fazendo leituras das dores e sofrimentos de seus conterrâneos e se colocando a serviço na luta por melhores condições de vida. Essas mesmas leituras eram realizadas na escola quando ele percebia a necessidade dos estudantes e se dispunha a ajudá-los. Mas Maruge não subestimava nenhum tipo de leitura e estimulava as crianças, pois sabia ser necessário ler os textos, os contextos e o mundo. Compreendeu também a importância de estimular positivamente o aluno, rumo ao entendimento de algo, como fez com Kamal, ao afirmar que sabia que ele conseguiria aprender o número 5. Assim como Jane lhe proporcionou a oportunidade de aprender a ler, contradizendo o senso comum e assistindo-lhe de maneira próxima e humana, Maruge encontrou a chave para adentrar a dificuldade de Kamal rumo ao entendimento, de forma perspicaz e sensível.

A escola de Maruge avança na compreensão de que *ensinar a ler é sempre ensinar a transpor o imediato*, pois a leitura abre possibilidades de criação de novas perspectivas de intervenção humana e social, na medida em que os sujeitos compreendem seu papel na sociedade e se disponibilizam a cumpri-lo. O ensinar a ler abre caminho a reflexões contínuas que favorecem a apreensão de novos sentidos. O ensino da leitura, realizado pela professora Jane e sonhado por Maruge, salta os muros da escola, passando a ser objeto de reflexão de seu país e de instituições internacionais.

Importante destacar a compreensão de que a realidade, em sua dinâmica complexa, exige leituras mais amplas. Nesse sentido, a leitura sobre o personagem Maruge apresenta elementos da complexa condição humana e o caracteriza como *homo complexus*, que é um ser da razão, da técnica, mas também dos sonhos, dos desejos, das paixões... A história de vida deste personagem evidencia a utilização de estratégias eficazes para atingir seus objetivos, ao tempo em que revela um ser humano aberto às novidades oriundas dessas intervenções.

Outra leitura realizada foi referente à ação criativa dos sujeitos da escola, entre eles Maruge e suas potentes intervenções sobre os processos educativos. Utilizando-se

da música, do jogo, do desenho e da própria história de vida, Maruge ensina a seus colegas/alunos que não existe limite para o aprender e que cada um deve esforçar-se para atingir níveis mais elevados de leitura, pois é por intermédio dela que se conseguirá atingir a liberdade.

E, por fim, surge a reflexão sobre as condições de funcionamento da escola, apontando para a precariedade dos recursos materiais, e a leitura da proposta pedagógica assumida pela instituição de ensino. Esta última destaca as intervenções dos sujeitos, principalmente da professora Jane e de Maruge, no redimensionamento das práticas existentes, criando novas possibilidades de ensino e aprendizagem.

Essas ponderações, sustentadas pela perspectiva do pensamento complexo, situam as análises da escola e de seus sujeitos a partir da consideração da contradição que envolve o fenômeno educativo, demarcada pelos antagonismos e complementaridades que permeiam as práticas educativas construídas no contexto da escola. A história de Maruge é uma expressão dessa contradição, quando revela que é possível aprender aos 84 anos e em turma de crianças; que é possível fazer um trabalho diferente, a partir da criatividade, mesmo quando não se têm recursos materiais suficientes; e que um analfabeto pode falar para os instruídos e para o mundo da importância da educação para o crescimento humano e o desenvolvimento social.

Dessas reflexões podemos concluir, a partir da história de Kimane Ng'ang'a Maruge, que as lutas individuais se refletem no social, gerando mudanças no microespaço e macroespaço sociais, sendo necessário, muitas vezes, enfrentar as barreiras pessoais, sociais e institucionais para se alcançar os sonhos. E, ainda, que a escola é um lugar privilegiado, onde os sonhos são alimentados.

Referências

O ALUNO. Direção de Justin Chadwick. Produção Sixth Sense. Distribuição: Europa Filmes. Londres: BBC Filmes, 2014. Película, 102 min.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** e outras interinvenções. Alfragide, Portugal: Caminho, 2009.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DO QUÊNIA. **Sobre o Quênia**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <http://www.kenyaembassybrazil.com.br/pt/sobre_o_quenia>. Acesso em: 2 ago. 2016.

FILME conta a história de queniano que lutou para estudar aos 84 anos. **Por dentro da África**, [s. l.], 19 abr. 2016. Disponível em:<<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-aluno-filme-conta-a-historia-de-queniano-que-se-matriculou-em-e>> Acesso em: 3 ago. 2016.

GOODSON, Ivor F. **As políticas de currículo e de escolarização**: abordagens históricas. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2008.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MACEDO, Roberto Sydnei. **Currículo**: campo, conceito e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2007 a.

_____. **Currículo, diversidade e equidade**: luzes para uma educação intercultural. Salvador: Edufba, 2007b.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

ZAVALA, Rodrigo. **Crítica Cineweb**: Uma lição de vida. 13 ago. 2014. Disponível em: <http://cineweb.com.br/filmes/filme.php?id_filme=4571>. Acesso em: 2 ago. 2016.